

A IMAGEM MENTAL NA PSICOLOGIA GENÉTICA

INTRODUÇÃO

Alguns autores consideram ultrapassada a noção de imagem mental nos domínios da Psicologia. Contudo, Piaget e Inhelder, no prefácio à sua obra «L'Image Mentale Chez l'Enfant», dizem: «quant au titre, plusieurs collègues nous ont conseillé de changer parce qu'il est suspect de *mentallisme*, et parce que beaucoup d'auteurs ne croient plus à l'image ou pensent tout au moins qu'on n'en peut rien dire de sérieux. Mais nous avouons avoir peu de souci des modes en psychologie, et encore moins des interdictions positivistes. Si l'on ne veut plus parler d'images, qu'on parle alors de souvenirs imagés (...) ou de représentations imagés (...) et qu'on parle sous une forme vérifiable pour chacun ce que nous avons essayé de faire ici. Notre prochain but étant l'étude de la mémoire chez l'enfant, il fallait bien commencer par examiner les *images* même si la mode est de passer ce problème sous silence»¹.

Mas mesmo sem o recurso à autoridade destes nomes consagrados e dado que, apesar de todo o progresso técnico, a realidade nos é sempre transmitida através dos processos psicofisiológicos, e de designações que a individualizam,

¹ Vd. Jean Piaget et Barbel Inhelder — *L'Image Mentale Chez l'Enfant* P. U. F., 1966.

parece haver real interesse no estudo e situação psicológica da «imagem mental».

Os principais aspectos que nela há a considerar, poderão ser agrupados em três questões genéricas:

I — Pressupostos genéticos que regem o papel da imagem mental no desenvolvimento da inteligência, restrita esta ao que possa ser objecto de investigação experimental das actividades intelectuais, entendidas como formas de cognição².

Tal como referimos em trabalho anterior³, não basta à Psicologia e conhecimento do homem através das suas manifestações mensuráveis, carecendo esta forma de conhecimento de uma validação que só a análise metódica dos processos de formação dos factos observados permitirá. Não queremos com isto dizer que aquele conhecimento, enquanto resultado da experimentação, perca valor científico com esta análise, mas que só com esta atinge a completude necessária à fundamentação científica.

II — Caracterização da imagem mental dentro desta perspectiva.

III — Indicação das implicações que o estudo do seu processo evolutivo terá necessariamente noutros vectores da psicologia, quer do ponto de vista técnico, quer do ponto de vista da discussão de conteúdo. Queremo-nos referir, sobretudo, às questões que a investigação da imagem suscita no que respeita ao plano da afectividade, não apenas considerando esta no sentido em que a toma Piaget, como energética das condutas, mas na perspectiva de alguns dos ramos

² Esta aceção aplica-se à psicologia do comportamento conquanto a experimentação neste domínio não permita ainda a elaboração exaustiva do assunto. Como diz P. Fraisse, apesar dos trabalhos da Gestalt, das teorias da aprendizagem, da teoria da informação e das «performances» dos cérebros electrónicos, justifica-se, por enquanto, a utilização de termos correntes tais como: raciocinar, julgar, induzir, deduzir, abstrair, etc... Procura-se, no entanto, ligá-los cada vez mais fundamentalmente aos actos vividos.

³ *Reflexão sobre a Psicologia Experimental* in «Revista da Faculdade de Letras» — série de Filosofia, fascs. 2/3, pág. 239.

da psicologia profunda, nomeadamente das psicologias freudiana e kleiniana.

Certamente que não temos a ambição de superar qualquer destas posições; mas consideramos que nunca é demais o re-exame das questões básicas com elas relacionadas. E certamente que estaremos atentos, e procuraremos evitar o risco de isolar esse aspecto da vida de relação, constituído pelo acto de conhecer, de que faz parte a imagem mental.

I

Para o empirismo clássico a imagem era, simultaneamente, o reflexo do objecto (na medida em que prolongava directamente não apenas a percepção, mas a sensação), e a origem do conceito, uma vez que este se organizava como um todo ordenado de imagens compósitas⁴. O pensamento consistia, assim, na associação entre sensações e imagens, o que Binet confirmou, em 1897, na sua obra «Psychologie du Raisonnement». Posteriormente, o mesmo autor, em «L'Étude expérimentale de l'intelligence», tal como Marbe e Kurbe da escola de Wurzburg, descobre a importância das modalidades da relação no acto de ajuizar (como a afirmação e a negação), e, deste modo, o «pensamento sem imagem»⁵, passando esta a ser objecto de menor interesse no campo experimental. Manteve-se, no entanto, e continuou a ser estudada, a distinção entre a memória do reconheci-

⁴ Esta posição, aliás, situa-se aquém do empirismo. Henri Wallon, em «De l'acte à la pensée», 1942, pág. 42, pretende mostrar como a tomada de consciência e o «simulacro» puderam constituir a inspiração principal do platonismo, sendo o *eidos* não só uma ideia abstracta, mas também uma *forma*, simultaneamente viva e figural, ainda que rica de significação conceptual. Vivos são, como vemos, os elementos residuais da filosofia no campo da psicologia...

⁵ Pensamento «sem imagem» é, para Piaget, como veremos, o pensamento «operatório».

mento, independente das imagens, e a memória de evocação, que as implicava e era de aparecimento mais tardio.

Nas últimas décadas, porém, verificou-se uma nítida evolução no estudo da imagem mental. Podemos caracterizá-la de duas formas:

a) Pela influência marcada da psicofisiologia, da psicopatologia e da neurologia, que destacaram algumas das condições necessárias para que a «representação» da imagem se verifique.

b) Pela contribuição da psicologia genética que determinou o período de formação da imagem e as respectivas fases de desenvolvimento⁶. Esta orientação teve, aliás, antecedentes em Dilthey e Meyerson.

Como se sabe, é possível classificar as imagens, considerando o seu conteúdo, em tantas quantos os órgãos dos sentidos e mecanismos de relação seus derivados (visuais, auditivos, etc.) ou em função da sua estrutura. Neste último sentido, uma importante divisão é ainda possível: imagens reprodutoras que evocam objectos e situações já conhecidas (anteriormente percebidas), e imagens antecipadoras, que representam figuradamente situações não percebidas antes.

De facto, qualquer um de nós é capaz de imaginar não só objectos estáticos, como movimentos (a descida espontânea de um objecto em plano inclinado), modificações ou transformações (o corte, em diagonal, de um rectângulo), e ainda de «antecipar» em imagens, transformações novas, o que acontece se nos pedirem para representarmos gráficamente os movimentos possíveis de um objecto determinado em queda livre.

É óbvia a complexidade de tais imagens obrigando a necessária ordenação. Por sua vez, esta ordenação não é fácil, se pensarmos, por um lado, na dificuldade em saber se uma dada imagem foi ou não percebida anteriormente, e, por outro, que a simples reprodução gráfica de uma recta supõe um certo «prever», isto é, supõe esquemas antecipados.

⁶ Para exemplificação, referiremos oportunamente uma das técnicas adequadas.

Dado, todavia, que uma das exigências genéticas consiste em determinar a filiação ou não filiação da imagem na organização perceptiva, supõe-se a diferença entre a antecipação da execução, e a antecipação da evocação, considerando esta última como característica essencial das imagens antecipadoras.

Assim, as imagens reprodutoras podem ainda ser classificadas segundo o seu conteúdo específico e o seu nível de interiorização.

No que se refere ao conteúdo, teremos:

- *Imagens reprodutoras estáticas* — quando se referem a configurações ou objectos imóveis. Ex.: a imagem de uma linha curva e recta.
- *Imagens cinéticas* — quando é evocado figuralmente um movimento. Ex.: a reprodução do ponto de encontro de dois ou mais móveis, deslocando-se com iguais velocidades.
- *Imagens de transformação* — quando se representam figuralmente, como dissemos, transformações já conhecidas pelo sujeito. Ex.: a transformação de uma curva em recta, para indivíduos anteriormente sujeitos à experiência.

No que se refere ao nível de interiorização, considerando as inúmeras dificuldades experimentais, encontramos:

- o gesto imitativo, que é imitação simples (e imagem não interiorizada);
- a imagem gráfica, não interiorizada, diferindo da imitação simples pela utilização de uma técnica que pressupõe todos os factores de tonicidade e motricidade gráfica;
- a imitação activa e interiorizada (imitação «diferida»);
- a imagem mental propriamente dita.

As imagens antecipadoras não comportam, como veremos, a classificação de estáticas, pois só se justifica a antecipação (no sentido evocativo) de movimentos e transformações, ainda que estas apareçam, por vezes, como resultantes aparentemente estáticas. Queremos dizer com isto que a análise detalhada dos processos transformadores está implícita no acto de antecipar. Entre estas imagens, poderão assim, considerar-se:

- Imagens cinéticas — quando é simplesmente antecipado o movimento.
- Imagens de transformação:
 - a) antecipando o resultado da experiência transformadora em curso.
 - b) antecipando em detalhe a própria transformação.

Quando se utiliza a análise metodológica dos processos de formação do que chamamos fenómenos psíquicos, ressaltam, particularmente em psicologia, todas as dificuldades de uma ciência em embrião. Mas é de certo modo a «história» dessas dificuldades que permite um progresso gratificante, e isso é muito claro no que se refere ao nosso tema: do prolongamento de percepção a símbolo, até ao aparecimento de uma função específica, assistimos à tentativa de definição de um processo que se caracteriza pelo facto do indivíduo ser capaz de representar algo a que se chamará «significado» através de um «significante»⁷. Assim, para a psicologia gené-

⁷ Significante, significado, símbolo, índice e sinal (indicativo) são expressões muito utilizadas, sobretudo pelas ciências linguísticas; parece-nos, assim, de interesse, precisá-las no que se refere à nossa perspectiva. Significante é, portanto, o meio evolutivamente construído e utilizado pelo sujeito para representar conteúdos — que constituem por sua vez significados (ex.: a linguagem, referindo situações vividas).

O símbolo é um significante diferenciado que, mercê da sua motivação, começa por ser individual, embora prefigurando simbolismos colectivos ulteriores (ex.: toda a imitação diferida).

tica, a imagem mental é um significante integrado no vasto contexto da função simbólica. Para compreendermos melhor o aparecimento desta função, será necessário referirmos em traços muito gerais os postulados básicos do sistema em que se integra.

Antes de mais, não deve confundir-se uma das noções nucleares usadas — *estádio de desenvolvimento* — com escala de desenvolvimento. São os estádios que caracterizam, de certo modo, a psicologia genética, definindo níveis funcionais. Esta posição é particularmente representada por H. Wallon e Jean Piaget. Segundo este⁸, para que um estádio se verifique é necessário:

1 — que a ordem de sucessão de aquisições seja constante;

2 — que todo o estádio tenha carácter integrativo;

3 — que cada estádio corresponda a uma estrutura de conjunto;

4 — que um estádio corresponda, simultâneamente, a um nível de preparação e a um nível de acabamento;

5 — que em cada estádio se distinga o processo de formação, a génese e as formas de equilíbrio final..

Para qualquer destes dois autores, o desenvolvimento psíquico é uma construção progressiva que surge pela interacção entre o indivíduo e o meio. Procuram determinar a formação do psiquismo, explicitando os processos fundamentais que a ela presidem. Wallon chama à actividade

O índice é um significante indiferenciado (ex.: o sinal luminoso indicador de paragem obrigatória).

O sinal, previamente convencional, acabará por ser colectivo, fazendo-se através dele a aquisição primária dos modelos exteriores, embora cada ser pensante o adapte e utilize diversamente através de esquemas progressivamente diferenciados (ex.: a palavra).

⁸ Vd. «Stades et concept de stade de développement de l'enfant dans la psychologie contemporaine», Paris, 1967, Librairie Philosophique, J. Vrin.

motora reflexa do recém-nascido, estágio impulsivo puro; a um segundo estágio, surgindo por volta dos seis meses, estágio emocional, caracterizado por manifestações de alegria ou mal estar (contestado por Piaget, que nega à emoção capacidade organizadora); o terceiro estágio, sensitivo-motor, aparece situado no início do segundo ano de vida e é caracterizado pelo dealbar da actividade simbólica, exteriorizando-se pela marcha e pela fala. Entre o terceiro e quinto estágio insere-se uma fase «projectiva»⁹: o pensamento projecta-se no exterior pelo movimento e pela palavra. O quinto estágio, a que Wallon chama «personalismo» coincide com a crise de negativismo — dois anos e meio três anos — e, salienta-se, por volta dos seis anos, pela capacidade que a criança tem de se mobilizar socialmente. Entre este período e o estado adulto, Wallon sublinha ainda o valor funcional da adolescência, considerando esta nas suas múltiplas implicações residuais e potenciais. Tal como em Piaget, não obstante todas as divergências, a ideia central fornecida pela observação da criança, é a de que existe um certo tipo de continuidade funcional entre o biológico e o mental. Dizemos um certo tipo, porque se os empiristas faziam do homem cognoscente um ser passivo respondendo a estímulos, estes especialistas insistem na actividade organizadora do sujeito por coordenações sucessivas⁹.

É por assimilação que o homem conhece, ou se quisermos precisar, é através da assimilação do objecto pelo sujeito que o conhecimento, do ponto de vista da investigação psicológica, se verifica. Simplesmente, o objecto oferece, e oferece sempre, certa resistência, desencadeando mecanismos de acomodação no sujeito. É ainda da interacção funcional destes dois processos que o sujeito se adapta equilibradamente ao seu meio. Tal processo faz-se sentir por crescimento dos mecanismos cognitivos, permitindo uma integração cada vez maior do meio ambiente. Verifica-se simultaneamente um desenvolvimento das capacidades de «descentração» do sujeito (que se concretiza na possibilidade

⁹ Ao sistema S—R, contrapõe-se, como é sabido, o esquema S—(organismo organizante)—R.

crescente de contactar os objectos sob todos os ângulos possíveis).

Assimilação, acomodação, equilíbrio e reversibilidade, estão, assim, presentes em todas as etapas de crescimento que, para Piaget, são:

1 — Período sensorial motor, estendendo-se até aos 24 meses, durante o qual se constroem as categorias fundamentais de todo o conhecimento: categoria do objecto (permanente), do espaço, do tempo e da causalidade, permitindo a objectivação do mundo exterior relativamente ao esquema corporal.

2 — Período pré-operatório, até aproximadamente aos seis anos, no qual a criança interpreta o que percebe e o que «age», sem possibilidades de se destacar da intuição directa, pois não une os diferentes aspectos da realidade nem integra no acto de pensar as várias fases do fenómeno observado. O pensamento é marcado pela não reversibilidade mental, que é o mesmo que dizer, pela incapacidade de se colocar na perspectiva de outrem.

3 — Período das operações concretas, entre os 7 e os 11 anos, caracterizado por progressos apreciáveis na socialização e objectivação do pensamento, já reversível; a criança é capaz de coordenar os diferentes pontos de vista, mobilizá-los, tirando ilacções, se bem que a partir de experiências e situações localizadas no tempo e no espaço.

4 — Período das operações formais (marcando o início da adolescência e prolongando-a) — caracterizado pela capacidade de, a partir do concreto, formular hipóteses e manejar proposições, mesmo que elas não ultrapassem o campo do provável.

Tendo qualquer um destes períodos repercussões profundas no comportamento social e moral, estas são sobremaneira acentuadas, a partir da diferenciação significativo e significante, que podemos situar evolutivamente por volta dos 2 anos de idade (a partir dos 18 meses). A transformação da assimilação e acomodação da fase anterior — sensorial motora —, em assimilação e acomodação mentais, deli-

mitando essencialmente a representação, vão permitir, quer o estudo da imitação, nas várias formas, quer o da formação de imagens. O estudo destas pressupõe o conhecimento daquela. Para Wallon a actividade simbólica traduz-se por atitudes imitativas de vários graus. Para Piaget, se a imitação¹⁰ não é a única fonte de representação, é, pelo menos, como permite concluir a análise dos vários tipos de comportamento, uma das cinco condutas pelas quais a função simbólica se traduz. Os primeiros significantes diferenciados são assim fornecidos pela imitação e pela imagem mental, sequência daquela, prolongando ambas a acomodação aos objectos exteriores. Quanto à capacidade de transmitir significados (significações) ela é desenvolvida por assimilação e faz-se sentir através da actividade lúdica. Da interacção destes três tipos de condutas resultam directamente o desenho e a linguagem, que se constituem como campo privilegiado de observação.

Ao referirmo-nos aqui à imitação, não pensamos só na cópia perante o modelo, na imitação simples, mas naquela que é executada na ausência do modelo, por exemplo, quando a criança «mima» que dorme ou se zanga, momentos após ter assistido à situação vivida por outrem (imitação diferida); quando o «fingimento» se repete sem que qualquer situação daquele tipo tenha sido presenciada, aí temos já a actividade lúcida ou jogo.

As condutas observáveis da função simbólica ou semiótica¹¹, são portanto, para Piaget, a imitação, o jogo simbólico, o desenho, a imagem mental e a evolução verbal ou linguagem.

¹⁰ «L'imitation débute par une sorte de contagion ou d'échopraxie due au fait que, quand autrui exécute devant l'enfant des gestes qu'il sait lui-même effectuer... il y a assimilation de ces spectacles aux schémas propres et déclenchement de ceux-ci» — *Psychologie de l'enfant*, pág. 44, nota 1.

¹¹ A expressão semiótica é mais ampla (de semeion — sinal), é preferida por Piaget na medida em que a expressão «simbólica» pode parecer ambígua aos especialistas para quem a diferenciação dos vários significantes constitui objecto de estudo.

II

Assim, uma vez integrada a imagem mental, vejamos a que espécie de questões a psicologia genética se propõe responder com o intuito imediato de a definir.

Em função da classificação atrás citada, será possível que a imagem mental possa ser submetida a todos os critérios definidores de um «estádio» que já referimos? Por outras palavras, a «*décalage*» entre imagens de reprodução e de antecipadoras, assim como entre estas e as de transformação, manter-se-á constante como é necessário que se mantenha para se poder falar em estádio?

Será a imagem suficientemente isomorfa para que possamos destacar com precisão a sua génese e processos evolutivos?

As imagens antecipadoras derivam apenas de articulação crescente das imagens reprodutoras, ou necessitam de apoio de factores externos, do tipo dos mecanismos operatórios?

Mais precisamente, até que ponto se conjugam elementos neurofisiológicos e psíquicos na natureza aparentemente sensível da imagem? Realmente esta não tem a mesma «vida» da percepção (não coincidem exactamente o vivido e a imagem do vivido), e não está determinado em absoluto o seu mecanismo fisiológico de base.

As técnicas neurocirúrgicas, assim como os trabalhos de Foerster e Penfield¹² permitiram concluir que uma incitação nas projecções corticais das vias ópticas e auditivas apenas produzem estados sensoriais que nada têm a ver com a alucinação (perturbação psico-sensorial, caracterizando-se pela «vivência» de imagens visuais, auditivas, olfactivas, gustativas, etc.). Todavia, as incitações temporais levam a estados mnésicos nos quais se pode observar uma diferença de planos no que se refere à natureza da imagem em «acção» e «vida». Surgem conteúdos tão presentes e imediatos como sonhos, outros ainda com alguma vivacidade mas reportando-se a situações passadas, e outros estáticos, sem qualquer

¹² Fraisse, P. e Piaget, J. — *Traité de Psychologie Experimentale*, vol. VII, cap. XVIII.

forma de dinâmica. Para Ajuriaguerra¹³ é possível, ao nível do lobo temporal, a activação e reactivação conjuntas de mecanismos sensoriais e mnésicos.

Parece ser fácil, portanto, segundo Penfield, a localização da evocação simples, mas é ainda difícil localizar a sede da formação das imagens. Apenas se consegue provocar alucinações visuais excitando artificialmente o diencéfalo de alguns animais: esta possibilidade é, como se pode imaginar, fecunda, mas mantém a questão em aberto.

Comportará à imagem, como reconstrução activa, o contributo da motricidade? Surgem duas possibilidades a encarar:

a) ou a representação é intrinsecamente distinta do movimento,

b) ou a imagem do movimento assenta no esboço nato do movimento.

Parecem ter aqui cabimento os trabalhos de Galifret Granjon, ex-professora do E. P. S. E.¹⁴ na linha de André Rey, sobre o simbolismo «agido» sujeitando grupos de crianças previamente seleccionadas a provas minuciosas de que fornecemos alguns exemplos:

- 1) Actividades mimadas pelo observador de valor convencional (ex.: dizer adeus); a criança deverá interpretar o observador.
- 2) Actividades mimadas pelo observador (ex.: subir uma escada, pôr os óculos); a criança deverá interpretar o observador.
- 3) Actividades mimadas pela criança (ex.: transportar uma mala pesada; regar o jardim); o observador deverá interpretar o gesto, etc...

¹³ Ajuriaguerra e Hécaen — *Le cortex cerebral*, 2.^a edição, pág. 436.

¹⁴ E. P. S. E. — *École de Psychologie et Sciences d'Éducation*, em Genève.

Por complexidade crescente o simbolismo «agido» atinge a invenção de posições, nas quais a criança deverá transmitir, por gestos, situações criadas susceptíveis de serem interpretadas e vice-versa.

Os resultados obtidos, confirmando a posição de André Rey¹⁵, assim como as técnicas de encefalografia e de electromiografia, permitem concluir que a imagem do movimento não é alheia ao próprio movimento, mas antes implica o esboço da sua reprodução, ao nível, portanto, da imitação interiorizada.

São sobretudo esclarecedores os registos eléctricos dos movimentos oculares durante o sono. Os trabalhos de Aserinsky, Kleitman, W. Dement e E. Wolpert surgidos entre 1955-58 distinguem dois tipos de movimento, um dos quais corresponde a movimentos rápidos que aqueles investigadores relacionam com a «imagerie» do sonho. Assim, parece que o carácter imitativo da imagem, verificada por muitas observações, participa da motricidade global; se esta motricidade se manifesta nas aquisições perceptivas será porque nestas aquisições, a partir do período pré-operatório, a imagem participa sob a forma de movimentos imitativos, sem que isso signifique filiação desta na actividade perceptiva.

Quais as relações entre a imagem e o pensamento, considerando este no sentido pré-operatório e operatório? Como sistema de significação mobilisável, a função simbólica implica significantes dos quais facilmente se destaca a linguagem. Mas chegará a linguagem? Múltipla, instituída e abstracta, apesar dos estilos, porque não aceitar uma forma de simbolismo não necessariamente expresso, mas sem o qual o pensamento não se concretiza, permeabilizando o caminho a percorrer da percepção ou conceito? (É latente, como em todas as outras questões, o problema das imagens espaciais, — origem possível da intuição geométrica dos matemáticos: como se estabelece aí a fusão «imagem» — «operação»?).

Ao nível pré-operatório é imenso o papel da representação «imagée», dadas as dificuldades da reversibilidade men-

¹⁵ Arch. Psychol. 1948, págs. 209-234 — «L'évolution du comportement interne dans la representation du mouvement».

tal; é a nível operatório que essa representação adquire o seu verdadeiro significado simbólico, pois a partir daí já não se confunde, antes se distancia da dinâmica intrínseca à operatividade; corresponde então ao processo cinematográfico que Bergson considerou fulcral na inteligência, «en se bornant à symboliser le continue par une succession d'instantanés et le dynamisme des transformations par une évocation de quelques états privilégiés...»¹⁶.

Daí a necessidade de analisar a natureza dos vários tipos de imagens antecipadoras de transformação, pois é sobretudo com estas que a relação imagem-operação se põe. De um ponto de vista experimental há grande dificuldade neste estudo, dada a sua interiorização. Todavia, consideram-se suficientes os meios indirectos possíveis, na base do desenho, quer como actividade simples, quer pela escolha que a criança faz em modelos preparados de antemão, quer por indicações de ordem gestual e verbal. Estudos aturados destes pontos de partida levaram à elaboração de técnicas diversas¹⁷.

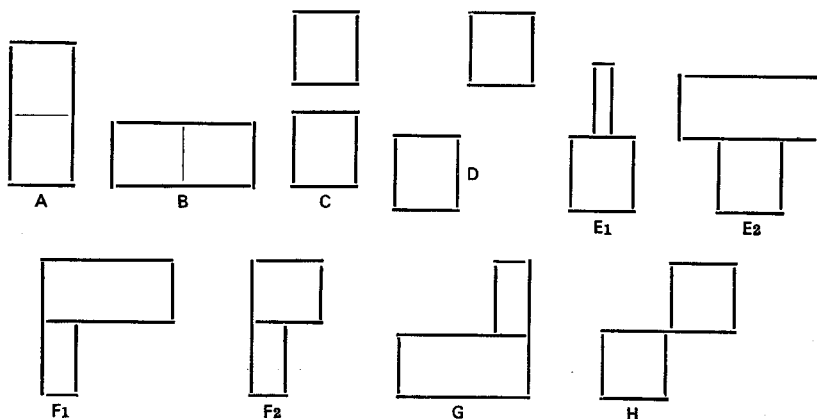
¹⁶ Jean Piaget e Inhelder — *L'image mentale chez l'enfant*, P. U. F., 1966, pág. 20.

¹⁷ Exemplos:

1.º — a antecipação da rotação de uma haste-intermediária entre a imagem reprodutora cinética e a imagem de transformação;

2.º — a transformação do arco em recta, para análise da imagem antecipadora de transformação.

3.º — as translações de um quadrado em relação a outro:



É evidente que ao tratar da imagem mental se pretendem fundamentar postulados genéticos tais como: a diferenciação entre a percepção e o pensamento operatório, o princípio de assimilação como base do processo de crescimento psicológico e a distinção entre formas digamos, passivas, ou formalmente estáticas de vida intelectual, a que Piaget chama aspectos figurativos, e formas essencialmente dinâmicas, a que chama operatórias.

Representações gráficas (desenhos) dos quadros deslocados em percentagem e escolha entre desenhos apresentados, classificados segundo as formas A-H da figura acima.

DESIGNAÇÃO	ANOS				
	4	5	6	7	
A-D	Desenhos	55,5	29,0	7,0	—
	Escolhas	41,4	33,3	12,6	—
E ₁ -E ₂	Desenhos	11,1	4,0	7,0	7,0
	Escolhas	6,9	9,8	6,3	7,0
F ₁ -F ₂ -G	Desenhos	5,6	33,0	40,0	15,5
	Escolhas	24,2	23,5	28,2	15,5
H (certo)	Desenhos	27,8	34,0	53,0	77,5
	Escolhas	27,5	33,3	53,0	77,5

Permito-me pôr em relevo o que me foi dado utilizar com maior insistência no ano lectivo 1970 na escola de Conches em Genève, sob a orientação de Madame E. Schmid-Kitsikis, professora da E. P. S. E. São igualmente indicados os resultados saídos no ano anterior, que tal como a prova foram estruturados por F. Frank e Thuat Bang, professores do mesmo departamento.

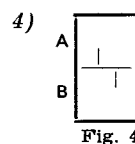
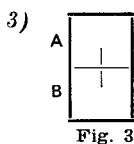
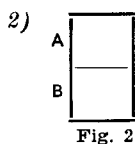
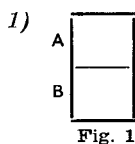
IMAGEM MENTAL

(Transladação dos quadros)

Material: 6 quadros azuis de 4 centímetros de lado, dos quais 2 com um traço de 1 centímetro de comprimento como na fig. 2, 2 com um traço como na fig. 3 e um 3.º sem traço (fig. 1).

Será figurativo o que no conhecimento diz respeito aos estados da realidade, estados estes percebidos, imitados, ou imaginados nas suas transformações, de modo figural directo

Primeira série de desenhos à escolha:



Apresentação: dispor numa folha de papel branco os 2 quadrados *A* e *B* (sem traço), de maneira a que eles se toquem (ver fig. 1).

PROVA

Primeira parte:

- a) Este (*B*) fica no seu lugar, eu vou mexer este (*A*) um pouco (mostrar pelo gesto de index o deslocamento lateral de *A* de um centímetro para a direita). Podias desenhar-me como ficam os dois quadrados quando eu mexer este (*A*)?
- b) Agora, se eu puxar um pouco mais o quadrado (fazer o gesto de deslocar o quadrado cerca de 2,5 cm para a direita) poderias fazer-me o desenho dos dois quadrados?
- c) Proceder do mesmo modo, fazendo o gesto de deslocar o quadrado *A* de tal maneira que *A* fique completamente afastado de *B*.

Segunda parte (deslocamento simultâneo):

Com o index direito em *A* e o index esquerdo em *B*, fazer o gesto de deslocar simultaneamente *A* e *B*. Proceda como na primeira parte.

Terceira parte (deslocamento simultâneo):

- a) Proceder como em *a*) na primeira parte. Pedir à criança para desenhar também os traços (fig. 2).
- b) Eu empurro o quadrado (*A* 3) até que os dois traços se toquem; és capaz de desenhar como ficam os dois?

Quarta parte:

Dá-se uma série de desenhos previamente preparados para serem escolhidos pelas crianças com dificuldades na primeira parte. Repetem-se as indicações *a*) *b*) *c*) e pede-se nova escolha.

ou simbólico. Serão operatórios os que se referem às transformações propriamente ditas fundamentalmente marcadas pela reversibilidade, quer como resultado de operações anteriores, quer como ponto de partida de transformações posteriores, quer como estado de equilíbrio atingido por compensação das transformações.

Serão, assim, elementos figurativos por excelência, porque aparecem como formas de cognição copiando o real, ainda que inexatamente: a percepção através de dados sensoriais funcionando exclusivamente em presença do objecto; a imitação (gestual, fónica ou gráfica) através da reprodução motora, esteja o objecto presente ou não; a imagem mental, na ausência do objecto e essencialmente interiorizada, podemos dizer, que constituindo a forma superior do «figurativo», só se realiza como «conhecimento» quando insuflada pela compreensão operatória que traduz parcelarmente.

São elementos ligados aos processos de operatividade: as acções que caracterizam a fase sensorial motora; as acções sequentes destas uma vez interiorizadas ou reversíveis.

Neste sistema, cujo binómio de base é, repetimos, o conhecimento-assimilação, o objecto não é conhecido senão quando progressivamente conceptualizado; nesse contexto, diz Piaget na introdução de uma das suas muitas obras, «L'image reste bien toujours le produit d'un effort de copie concrete et même simili-sensible l'object mais cette copie demeure fondamentalement symbolique puisque la signification effective est à chercher dans le concept».

Não é nosso objectivo focar o caminho exaustivo necessariamente percorrido até esta conclusão; nem os pressupostos aqui fornecidos, não resultado de confirmação experimental própria, mas de certo modo livrescos, permitem crítica suficiente. Parece-me todavia que a perspectiva sistémica dos dados referidos não é fechada a comentários sempre vivos e prestes a aflorir no latino iniciado sem investigação psicológica. Por isso, alguns se seguem na última parte deste trabalho.

III

Não é por acaso que no prefácio de «Problèmes de Psychologie Génétique»¹⁸ o editor começa com a seguinte expressão: «Freud e Piaget». Esta frase, inicialmente de sabor americano, ficou presente em quantos se interessam pela psicologia profunda. Só por si, tal expressão preconiza linhas que procurando pontos de convergência acabarão por se sobrepor senão fundir, embora as metodologias, e sobretudo estas, sejam essencialmente diferentes. Para já, está latente, manifestando-se frequentemente, na obra de Piaget, a crítica (expressa por este em conferência dada à imprensa na primavera de 1970), ao carácter prematuro, por carecer de experimentação, de certas posições freudianas. É exemplo desta crítica a referência em várias das suas obras ao estudo, já referido, que N. Kleitman e Aserinsky realizaram sobre a motricidade ocular. A partir de electroretinogramas durante o sono, e respectivas implicações, comprovando a natureza imitadora da imagem, seria possível situar a génese desta muito antes do aparecimento da função simbólica, o que invalidaria parte das hipóteses postas. Tal facto iria de encontro às posições quer de Freud, quer de Melanie Klein, para só referir estas, posições essas nas quais se considera a imagem como «hallucination due au désir» aparecendo, pelo menos, imediatamente ao nascimento¹⁹. Logo surgiu a necessidade de aplicar a técnica de Aserinsky a recém-nascidos (a hipótese levantada por esta técnica fora confirmada por Dement e Wolpert com adultos), para desfazer a confusão, serenando-se as dúvidas quando experimentalmente se pode concluir que no recém-nascido os movimentos oculares rápidos observados durante o sono são em muito maior número que no adulto e em maior número ainda nos

¹⁸ Jean Piaget, éditions Denöel, Paris, 1972.

¹⁹ Não é precisa a posição dos psicanalistas em relação à dinâmica do feto. A. Michotte, em «La perception de la causalité», 1954, refere as condutas pré-perceptivas do feto, à qual não é alheia a embriologia dos reflexos, estudada por Minkowski.

fósseis vivos que no gato ou no homem²⁰. Deste modo, os pressupostos freudianos e kleinianos não teriam qualquer relação com aquela verificação experimental, pois que os resultados desta são significantes de função de limpeza ou desintoxicação, e não da existência das coordenações necessárias à evocação visual.

Neste problema, tem certa importância a ambiguidade que a própria expressão «imagem» comporta. Como diz Barbel Inhelder, o termo imagem, em psicologia genética, é tomado em sentido lato, equivalente à expressão «representation imagée». Sugere mesmo que um estudo aprofundado das imagens do sonho e do jogo simbólico permitirá uma definição mais restrita, dissociando a «sintaxe» da imagem da sua «semântica». Ora enquanto que neste esquema, o jogo por exemplo é simplesmente uma utilização particular da função semiótica, exprimindo na base da formação de símbolos, o que na experiência vivida não poderia ser, por razões ainda não comprovadas, expresso pela linguagem, para Anna Freud e para Melanie Klein, o jogo é um dos veículos da actividade fantasmática proveniente de um inconsciente já controlado (sobretudo em Melanie Klein) por mecanismos de defesa e de censura, implicando assim a formação de toda a personalidade. Não nega Piaget serem especialmente conflitos afectivos o que se exprime no jogo simbólico. Simplesmente considera que são demasiado ténues os limites entre o consciente e o inconsciente, mais estritamente, entre o simbolismo expresso e o simbolismo latente na criança, nada existindo de comprovativo sobre esses limites.

Parece-lhe mais fácil de ser fundamentada a importância que Jung deu ao simbolismo onírico, espécie de linguagem primitiva, de certo modo semelhante ao jogo simbólico. Mas critica também em Jung o facto deste concluir a partir da generalidade dos símbolos, sem provas experimentais, e o inatismo desses mesmos símbolos, e a teoria dos «arquétipos» hereditários. A mesma generalidade preside à actividade lúdica na criança «et comme l'enfant est antérieur à l'homme même pre-historique... c'est peu-être

²⁰ Piaget, J. — *Psychologie de l'enfant*, Paris, 1937, pág. 54.

dans l'étude ontogenetique des mécanismes formateurs de la fonction sémiotique que l'on trouvera la solution du problème».

São indissociáveis, como não podiam deixar de ser, para Piaget, os aspectos afectivos, sociais e cognitivos; a afectividade é a energética das condutas, de que as estruturas são as funções cognitivas. É certo que a função simbólica não é facilmente integrada nos estádios previstos por este autor, e também H. Wallon nas suas fases de crescimento se viu forçado a referir a «fase projectiva»!

É difícil de desfibrar este período em que o ser em evolução e o Outro se defrontam... Os psicanalistas chamam a esse encontro «relações objectais», espécie de movimento descentralizador da afectividade; a esse movimento acrescenta Piaget, no plano cognitivo, o esquema do objecto permanente²¹, apoiando-se nos trabalhos de J. M. Baldwin e de Gouin Décarie, esquema sem o qual faltaria todo o suporte à função simbólica.

Numa das conferências de imprensa atrás referidas, aquele investigador acrescentou que a sua vida inteira de estudo e de trabalho, não obstante os colaboradores preciosos que teve a felicidade de encontrar, e a sua formação biológica de base, não seria suficientemente longa para poder tratar a afectividade nos mesmos moldes experimentais. Permite-me acrescentar que, nesses termos, talvez tenhamos que esperar gerações de informação e técnica. Pode, inclusive, pôr-se o problema de tal objectivo não ser viável, mas esse é um problema que ultrapassa, suponho, a própria Psicologia. Resta-nos observar as convergências, postas em relevo, quer por psicólogos de feição genética, quer por psicanalistas, quer por neurólogos e especialistas congêneres.

Maria Isolina Pinto Borges

²¹ Necessário à construção do mundo real, indissociável da organização espacial, temporal e causal do universo prático. Vd. «Construction du réel chez l'enfant» — J. Piaget.